

Estudos Clássicos no extremo oriente americano:

Entrevista com o Prof. Milton Marques Júnior, fundador do Curso de Letras Clássicas da UFPB

Classical Studies in the American Far East: Interview with Prof. Milton Marques Júnior, founder of the UFPB Classical Literature Course

Milton Marques Júnior ¹

Rafael Silva ²

Wesley Rennyer Martins Rabelo Porto ³



10.23925/2176-4174.v1.2024e66961

Recebido em: 03/05/2024.

Aprovado em: 10/05/2024.

Publicado em: 31/05/2024.

1) A institucionalização do ensino acadêmico no Brasil tem cerca de um século, sendo, portanto, relativamente recente em comparação com a fundação de universidades em outras partes do mundo. Levando isso em conta, é possível afirmar que conhecer aqueles que formaram academicamente nossos próprios professores universitários é entrar em contato com uma parte significativa da história da universidade brasileira. Gostaríamos de saber um pouco mais sobre os professores que foram determinantes

¹ Doutor em Letras (UFPB). Universidade Federal da Paraíba. ORCID: 0000-0002-6102-8424. E-mail: marquesjr45@hotmail.com

² Doutor em Letras (UFMG). Universidade Estadual do Ceará. ORCID: 0000-002-8985-8315 E-mail: rafae.silva@uece.br

³ Doutor em Filosofia (UFRN). Universidade Federal da Paraíba. <https://orcid.org/0009-0009-5187-0114>. E-mail: wesley.rennyer@hotmail.com

para a formação clássica de vocês: quem foram esses professores e em que instituições atuaram? É possível conhecer seu legado ainda hoje, em termos de obras publicadas e/ou empreendimentos iniciados por eles (periódicos, departamentos, centros de estudo, bibliotecas, associações etc.)?

Resposta: Na realidade, não tive uma formação acadêmica em Letras Clássicas. Gostaria de ter tido, mas aconteceram muitos fatos que me impediram de estudar, ainda no colegial, a língua latina. Quando terminei o antigo curso ginásial, na Escola Técnica Federal da Paraíba, no ano de 1971, pensei em me transferir para o Lyceu Paraibano, de maneira a fazer o Curso Clássico. Nessa época, quem se inclinava a fazer um vestibular para a área de Ciências Humanas, cursava o Clássico; a inclinação para a área das Ciências Exatas levava o estudante a cursar o Científico. Não pude ir para o Lyceu, tendo em vista que a Lei 5.692/71 transformou tudo em Segundo Grau. Decidi, então, continuar na Escola Técnica, onde realizei minha formação em Mecânica. Como o meu pendor era para as Letras, submeti-me ao vestibular, optando pelo Curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Federal da Paraíba.

Antes mesmo de entrar na UFPB, tive professores de Língua Portuguesa, como José Jerônimo Leite e Edmeia Toscano de Brito, que incentivavam muito o estudo dos clássicos, as leituras nessa área. Na UFPB, professores como Waldemir Lopes de Andrade e José Maria Barbosa Gomes, ambos de Língua Portuguesa, a professora Linalda de Arruda Mello, de Filologia, e o professor José Paulino Batista, de Língua e Literatura Latina, ampliaram o caminho para os meus estudos particulares do mundo clássico. Não foram professores que formaram escolas ou criaram instituições, o que considero importante, mas souberam despertar e incentivar os que já traziam dentro de si o pendor para estudos mais aprofundados em Letras Clássicas.

Como já afirmei, não tive uma formação específica em Letras Clássicas, mas em Letras Vernáculas e Letras Francesas. O estudo continuado da Língua Francesa só me conduzia, ainda mais, aos clássicos. Depois da chegada do professor Juvino Alves Maia Junior, ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFPB, através de concurso público, para preencher a vaga de Professor de Língua Latina, é que comecei a fazer uma sistematização do estudo do latim e, por acréscimo, do grego. Foi quando entramos em contato direto com o maior nome de todos nessa área, o professor Henrique Graziano Murachco, que se mudou para a Paraíba, sendo de

grande importância para o desenvolvimento das Letras Clássicas na UFPB, e, conseqüentemente, para a criação do nosso curso.

2) O curso de Letras Clássicas, enquanto bacharelado ou licenciatura, é relativamente raro no Brasil. Ainda mais raro, para não dizer inexistente, é o curso de Estudos Clássicos ou de Estudos da Antiguidade (às vezes chamado em alemão de *Altertumswissenschaft*), no âmbito do qual se estuda não apenas a literatura greco-romana, mas também as disciplinas de História Antiga, Filosofia Antiga, Arqueologia Clássica etc. No Brasil, em geral, a formação em grego antigo e latim — incluindo o estudo de suas manifestações literárias e culturais (de uma perspectiva histórica) — costuma fazer parte de um dos caminhos possíveis dentro do curso de Letras. Quais as especificidades de um curso de Letras Clássicas, em comparação com o curso de Letras e com uma possível formação em Estudos Clássicos?

Resposta: As especificidades de um Curso de Letras Clássicas são, basicamente, o ensino das Letras Clássicas, entendidas aqui como o ensino da Língua Latina e da Língua Grega. Ensino que permitirá ao estudante a leitura de obras na língua original, além da tradução dessas obras. Obviamente, o estudo das línguas clássicas não se limita às obras literárias, mas abrange a História, a Filosofia, a Retórica, a Matemática... Cada um segue o caminho que achar melhor. O professor de Matemática da USP, Irineu Bicudo, estudou grego com o professor Henrique Murachco, porque a sua intenção era a tradução dos *Elementa* de Euclides, o que, de fato, realizou. O professor Juvino Alves Maia Junior segue a linha da filosofia, tendo traduzido *O Sofista*, de Platão, publicado pela Kalouste Gulbenkian, e as *Enéadas* de Plotino. Eu sou mais da área literária.

No que diz respeito ao curso de Letras Vernáculas, de acordo com o que vi na minha experiência de estudante e, depois, de professor, as línguas clássicas, no mais das vezes, são vistas como velharias, que não servem para nada. Obcecados pelo canto de uma sereia, chamada Linguística, que compreendem mal, muitos mergulham na incompreensão do sincronismo exacerbado. Tanto é que as disciplinas Latim, Literatura Latina e Filologia foram banidas do currículo. Outras, como Grego e Literatura Grega nem precisaram ser banidas, porque nunca fizeram, desde o meu tempo de estudante, parte do currículo.

Há quem não queira ver uma objetividade ou um pragmatismo no estudo das Letras Clássicas, por uma questão de purismo. A verdade é que, a grande dificuldade com o estudo de línguas, clássicas ou modernas, é a dificuldade diante da nossa própria língua. O estudo do Latim e do Grego amplia o horizonte de expectativa a respeito de nossa língua, aumentando o acesso ao sistema linguístico universal. Sim, sistema linguístico universal, porque ele é um sistema único, de que se formam todas as línguas que se falam, todas aparentadas entre si, por mais que se diga, por exemplo, que a origem do Basco, do Húngaro e do Finlandês é desconhecida. Todas estão no mesmo sistema, partiram do mesmo ponto, que é o DNA humano.

3) Em que contexto se deu a criação do curso de Letras Clássicas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e como ela aconteceu? Quais foram os principais desafios dos primeiros anos e quais os objetivos do curso?

Resposta: Poderia dizer que o contexto foi de atropelo. Estava almoçando na UFPB, quando a então Coordenadora do Curso de Letras, a professora Lúcia Nobre, minha amiga, grande entusiasta e incentivadora dos clássicos, perguntou-me se eu não gostaria de criar um Curso de Letras Clássicas. Se quisesse, eu teria até o dia seguinte para entregar um projeto que atendesse às necessidades do REUNI. Engoli o almoço, às pressas, e fui para o gabinete. Minutei o projeto, escrevi a introdução, metodologia e objetivos, relacionei a bibliografia básica, entrei em contato com o professor Juvino Alves Maia e, juntos, fizemos o elenco das disciplinas. No dia seguinte o projeto se encontrava pronto.

Para que o projeto pudesse ser aprovado, havia duas condições: o curso deveria ser noturno e ser curso de licenciatura. E, dessa maneira, o curso foi formatado.

Os desafios são sempre os mesmos: criar um corpo de professores, diante da costumeira dificuldade de abrir concurso e contratar professores novos. Tínhamos 3 professores na área, pedimos mais 8, conseguimos a abertura de concurso e iniciamos o curso, com 11. Perdemos um professor numa troca com outro curso, sob a promessa de que o curso, para onde um dos nossos foi, cederia uma vaga para que realizássemos concurso. A promessa nunca foi cumprida. Hoje, estamos com 10 professores, necessitando de pelo menos mais 2. Outra dificuldade é atrair uma clientela, pois a maioria desconhece por completo a língua latina. Quanto ao grego, é

grego... Encarar a luta contra os “linguistas” sincrônicos foi o de menos. Mas fomos em frente e arregaçamos as mangas, tornamo-nos conhecidos nacionalmente e colocamos a UFPB no mapa das Letras Clássicas no Brasil.

Outra grande dificuldade é a formação de uma biblioteca. Fizemos um pedido de livros, quando do projeto do Curso, mas até agora nada conseguimos. O acervo da Biblioteca Central na nossa área é irrelevante. Hoje, temos uma Biblioteca na sala do curso, cujo nome homenageia o professor Murachco, com livros comprados às nossas expensas e com muitas doações, minhas e de outros professores. A parte institucional continua faltando. O que nos salva é o fato de que toda a tradição clássica greco-latina está disponível on-line, em diversos sites, como Perseus, Biblioteca Augustana e The Latin Library, por exemplo.

O objetivo do curso é a formação de professores de Línguas Clássicas e de tradutores do grego e do latim.

4) Qual metodologia e material didático o corpo docente costuma utilizar para o ensino do grego antigo e do latim e de suas respectivas literaturas?

Resposta: Antes de me aposentar (o que ocorreu há dois anos), cada professor era livre para usar uma metodologia própria, no que diz respeito ao ensino da língua e literatura. Em geral, se usa o método de aprendizagem da estrutura morfossintática do latim e do grego. Se alguém é capaz de entender como uma língua funciona, a sua assimilação será mais fácil. Na minha cabeça, deveríamos começar com o estudo da língua latina, uma vez assimilada a estrutura morfossintática das declinações latinas, aplicaríamos o mesmo método para o grego. Foi assim que começamos o curso, depois houve modificações, para um estudo concomitante das duas línguas. Para a literatura, não há muito segredo, funciona o bom e velho método da leitura do texto e da busca da sua interpretação, sempre com o cuidado de evitar anacronismos, como os que se veem hoje, de chamar Zeus ou Júpiter de estuprador. Como são textos distantes de nós, é inevitável uma pesquisa maior, com relação aos fatos históricos, às localizações geográficas e às referências da religiosidade, tudo sempre submetido às injunções da sua época.

5) É possível identificar o tipo de público que majoritariamente ingressa no curso de Letras Clássicas? Que público é esse? Além disso, como os discentes do curso, em particular os recém egressos do Ensino Médio, encaram o desafio de estudar as línguas, a literatura e a cultura clássicas?

Resposta: Há um público que entra pelas vias atuais de classificação, Enem e SisU, que são os egressos do Ensino Médio, e há um público que tem acesso ao curso como graduado. Em geral, os primeiros não têm a menor ideia do curso que escolheram, diferentemente dos segundos, que vêm com o objetivo definido de aprender grego e latim, para usos específicos, em diversas áreas – Direito, Religião, Filosofia, História – ou por puro deleite de aprender mais uma língua. Há exceções nos dois grupos, com pessoas que descobrem algo que lhes agrada e que bate com as suas expectativas, estas avançam mais rápido. Logicamente, para os que mal estudaram a língua portuguesa, durante o período escolar, e quase não viram literatura, esse percurso é mais difícil, pois lhes falta uma base de leitura e de interpretação.

6) Como o senhor avalia a formação dos profissionais que têm concluído a licenciatura do curso de Letras Clássicas da UFPB?

Resposta: Avaliamos como muito boa, tendo em vista que muitos egressos do nosso curso estão desempenhando o seu papel, como professores de Línguas Clássicas, em várias universidades. Há aqueles que estudam os Clássicos para aplicar o conhecimento do latim e do grego em outras áreas, como a área religiosa. As Línguas Clássicas têm um filão muito rico, que alguns se negam a explorar: o grego do Novo Testamento. Já tivemos pastores fazendo o nosso curso, para poder entender melhor o que dizem o *Evangelho* e as *Epístolas de Paulo*. O importante, porém nada fácil, é saber separar, na sala de aula, o estudo da língua e a doutrina religiosa. Mas se não for para enfrentar desafios, não vale a pena estar na sala de aula.

7) Desde os anos de formação acadêmica dos senhores, entre as décadas de 1970 e 1990, muitas transformações têm ocorrido no campo dos Estudos Clássicos e, mais especificamente, na área de Letras Clássicas: a criação da Sociedade Brasileira de

Estudos Clássicos (SBEC), em 1985; a retirada da obrigatoriedade do estudo de latim dos cursos de Letras, sobretudo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996; a expansão universitária, com a criação de novos cursos e departamentos (inclusive de Letras Clássicas) em diferentes regiões do país; etc. Como os senhores encaram a situação dos Estudos Clássicos e das Letras Clássicas no Brasil de hoje (incluindo aí suas experiências como professores da UFPB)? O que de mais significativo mudou desde os tempos de sua formação?

Resposta: Podemos incluir nesse rol a criação da *Associação Brasileira de Professores de Latim*, a partir de uma proposição nossa, no Terceiro Encontro de Professores de Latim, que aconteceu na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, para a qual eu fui convidado com a missão de fazer a conferência de abertura. Propus a criação da ABPL, reafirmei a proposta no Quarto Encontro, ocorrido na UFPB, e, no Quinto Encontro de Professores de Latim, promovido pela Universidade Estadual de Manaus, a ABPL se tornou uma realidade. Quanto à situação dos Estudos Clássicos, no Brasil, eu vejo como boa, sinto que avançamos, mas não sem muita luta. Se arredarmos o pé, um milímetro que seja, seremos engolidos. Somos um país sem livrarias, com poucas bibliotecas, e sem escolas públicas. Não somos um país de leitores, apesar do que algumas pesquisas dizem. É preciso mais do que saber quantos leem, saber o que se leu e, sobretudo, se aproveitou o que se leu, para uma formação intelectual. Por não termos um projeto de Estado para a Educação, a condição do professor dos ensinos fundamental e médio é grave, com salários baixos, falta de infraestrutura, perda do controle da autoridade. Além disso, a permanência do aluno na escola é risível. Diante desse quadro, acredito que os Estudos Clássicos vão muito bem, mas correm perigo. Uma das soluções é sair dos nichos universitários e ganhar as ruas, as escolas. A professora Kátia Teonia, na UFRJ, está fazendo um belíssimo trabalho, com o projeto *Mitologando*, numa busca do diálogo com a escola pública, através do mito.

8) Nas últimas décadas, o mercado editorial brasileiro, de um modo geral, vem apostando cada vez mais em obras traduzidas diretamente do original e muitas vezes em formato bilíngue. Essa tendência reflete a expansão que os Estudos Clássicos têm

conhecido no Brasil? Qual a importância de termos à disposição, em particular no universo acadêmico, obras traduzidas do original e também bilíngues?

Resposta: Reflete, sim. O curso tem, conforme já afirmei anteriormente, como objetivos a aprendizagem do latim e do grego, de modo a habilitar seus estudantes e futuros profissionais da área, a ter um contato direto com o texto original, sem precisar da mediação da tradução, nem sempre feita para expressar o que se encontra na língua, mas para preencher uma necessidade, uma falta “poética”, no ego do tradutor, muitos achando-se mais poeta ou mais filósofo, do que quem ele traduz. Por outro lado, vemos com bons olhos as muitas traduções bilíngues, muitas vezes de uma mesma obra, bem mais interessantes do que apenas o texto traduzido. Quem não quer estudar a língua, terá a tradução para conhecer o texto. Quem tem interesse na língua, terá o texto original ao lado e poderá compará-lo à tradução. Adianta que quem tem o interesse de estudar uma obra clássica, para realizar um trabalho de grau, por exemplo, tem a obrigação de ir ao texto original, não se fiar em traduções. A certa altura do curso, tomamos o rumo da tradução, entendendo que, quanto mais obras traduzidas, melhor será. As muitas traduções de um mesmo texto, em português ou em outras línguas, ajuda a montar o quebra-cabeças, que é o entendimento e a compreensão do que é a tradução. Objetivamente, a tradução é o enfrentamento de um texto, procurando vê-lo, não só na sua época, mas entendê-lo na sua estrutura. Sem a compreensão de como se construiu um texto literário, por exemplo, sem a percepção de sua estrutura, chegaremos a absurdos de vê-lo com os olhos da ideologia que mais nos agrada. E isto não é tradução, é, com muito favor, uma interpretação. O professor Henrique Murachco dizia sempre que é preciso deixar o texto falar. Não falta, no entanto, quem queira falar pelo texto.

9) Que conselho(s) os senhores dariam a pessoas que atualmente estão começando a se dedicar aos Estudos Clássicos?

Estudar, se empenhar, persistir, perseverar. Conseguir furar o cerco da ignorância do Brasil atual está saindo do desafio de Sísifo e entrando na inutilidade da ação das Danaides. Sísifo ainda encontrava algum sentido no que fazia, enquanto descia para buscar a pedra, procurando um meio de colocá-la no topo da montanha. As Danaides

estão condenadas, sem encontrar saída, a encher um barril sem fundo, carregando água numa peneira... O único caminho para o nosso avanço social é garantir a escola de qualidade para todos, em todos os recantos do Brasil. Escola de qualidade pressupõe: obrigatoriedade de 9 anos de escola, tempo integral, modernização e manutenção permanente da eficiência da infraestrutura, salários dignos e cobrança das responsabilidades de professores, funcionários, pais e alunos. Sem isto, continuaremos patinando nos discursos estéreis e eleitoreiros. Os estudos clássicos podem ser um suporte para a modernização da escola no Brasil. Estudar, portanto, não é apenas um conselho, é algo determinante.